

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Tattooist of Auschwitz*

Autora: *Heather Morris*

Copyright © Heather Morris, 2018

Edição original publicada em língua inglesa com o título *The Tattooist of Auschwitz* por Zaffre, uma chancela de Bonnie Zaffre, London, e Echo, uma chancela de Bonnie Publishing, Sydney

Os direitos morais da autora estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Design da capa: *Nick Stearn*

Fotografia das mãos e de Auschwitz: *Shutterstock*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, fevereiro, 2018

Depósito legal n.º 435 634/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Lale tenta não erguer o olhar. Estende a mão para aceitar o papel que lhe está a ser entregue. Terá de tatuar aquele número na rapariga que lho está a mostrar. Ela já tem um, mas está quase apagado. Ele faz a agulha entrar-lhe no braço esquerdo e desenha um 3, tentando não a magoar. Corre um fio de sangue. Mas a agulha não penetrou suficientemente fundo e ele tem de redesenhar o dígito. A rapariga nem pestaneja, mas Lale sabe que a está a magoar. *Foram avisadas: nem uma palavra, nem um gesto.* Limpa o sangue e aplica a tinta verde na ferida.

— Despacha-te! — sussurra Pepan.

Lale está a demorar muito. Tatuar os braços dos homens é uma coisa, mas profanar assim o corpo de uma rapariga horroriza-o. Erguendo o olhar de fugida, vê um homem de bata branca a avançar sem pressas por entre as raparigas enfileiradas. De vez em quando, detém-se a examinar o rosto e o corpo de alguma, que fica aterrorizada. Por fim, chega junto de Lale. Se Lale segura o braço da rapariga tão delicadamente quanto lhe é possível, aquele homem agarra na cara dela e volta-a com brusquidão para um lado e para o outro. Lale fixa-se naqueles olhos assustados. Os lábios dela movem-se; vai falar. Ele aperta-lhe o braço com força, para a impedir. Os olhares dos dois encontram-se e, movendo os lábios sem som, Lale diz-lhe: «Chiu.» O homem da bata branca larga o rosto da rapariga e afasta-se.

— Isso — sussurra Lale, começando depois a tatuar os quatro dígitos que faltam: 4, 9, 0, 2. Depois de terminar, fica ainda a segurar-lhe o braço por um momento, embora já não seja

necessário, e torna a olhá-la nos olhos. Força um ligeiro sorriso. Ela responde com outro mais ténue ainda. Mas no olhar dela há como que uma dança. Lale olha-a no fundo dos olhos e é como se o seu coração parasse e, ao mesmo tempo, batesse pela primeira vez, com muita força, tanta que ameaça saltar-lhe do peito. Baixa os olhos para o chão, que parece oscilar-lhe sob os pés. A seguinte estende-lhe o seu papel.

— Anda com isso, Lale! — sussurra Pepan, aflito.

Quando torna a erguer o olhar, a rapariga de há pouco já ali não está.

CAPÍTULO 1

Abril de 1942

Sempre a sacudir, vão atravessando as zonas rurais. Lale mantém-se de cabeça erguida e não fala. Tem vinte e quatro anos e não lhe parece que valha a pena tentar conhecer o homem ao seu lado, que de vez em quando deixa a cabeça tombar para o ombro dele. Lale não o afasta. É só mais um entre tantos jovens que foram metidos em vagões de gado. Não lhes tendo sido dito nada quanto ao lugar para onde vão, Lale vestiu-se como de costume: fato bem engomado, camisa branca lavada e gravata. *Causa sempre boa impressão.*

Tenta calcular as dimensões da sua prisão. O vagão terá cerca de dois metros e meio de largura. O comprimento não sabe dizer, porque não consegue ver o fundo. Tenta contar quantos homens vão ali, mas são tantas as cabeças que não param de sacudir que, por fim, desiste. Não sabe quantos vagões terá o comboio. Doem-lhe as costas e as pernas. Tem comichão na cara. A barba a picar recorda-lhe que já faz dois dias que não se barbeia nem se lava — desde que subiu para o vagão. Aos poucos, vai deixando de se reconhecer.

Se algum dos outros tenta meter conversa, ele responde com palavras encorajadoras, tenta transformar-lhes o medo em esperança. *Lá por estarmos metidos na merda, não quer dizer que nos afoguemos nela.* Alguns resmungam comentários pouco simpáticos por causa da aparência e dos modos dele. «Este deve ser rico», dizem. «E vê lá do que isso lhe vale.» Lale faz por não ligar; encolhe os ombros e responde com um sorriso a cada olhar hostil. *Quero enganar quem? Estou tão assustado como eles todos.*

Um jovem fixa-se nele e então avança ao seu encontro, abrindo caminho pelo meio dos corpos compactados. Alguns empurram-no. *Se queres o meu espaço, vais ter de mo tirar.*

— Como consegues estar tão calmo? — pergunta-lhe o jovem.

— Eles tinham espingardas. Aqueles malvados apontaram-nos espingardas e obrigaram-nos a subir para este... comboio de gado.

Lale sorri-lhe.

— Também esperava outra coisa.

— Para onde achas que eles nos vão levar?

— Não interessa. Lembra-te só disto: estamos aqui para que as nossas famílias possam continuar na segurança do lar.

— Mas e se...?

— E se, nada. Não sei, tu não sabes, ninguém sabe. Vamos só fazer o que nos mandam.

— Achas que devíamos tentar enfrentá-los quando pararmos? Somos mais do que eles. — O rosto pálido do jovem franze-se numa agressividade confusa. Ergue as mãos a imitar um pugilista, o que resulta patético.

— Temos os punhos, mas eles têm espingardas; quem achas tu que ganhava?

O jovem cala-se. Lale sente o ombro dele a enterrar-se-lhe no peito; consegue cheirar-lhe o óleo de pentear e a transpiração no cabelo. As mãos caem-lhe junto ao corpo.

— Chamo-me Aron — apresenta-se ele.

— Lale.

Em volta, há quem ouça a conversa por instantes; erguem a cabeça, observam aqueles dois homens e depois tornam a mergulhar no seu devaneio silencioso, perdidos em pensamentos. Em comum, todos eles têm o medo. E a juventude. E a religião. Lale tenta não conjeturar quanto ao que os espera. Disseram-lhe que está a ser levado para ir trabalhar para os alemães e é isso o que ele tenciona fazer. Pensa na família, que ficou em casa. *A salvo.* Ele sacrificou-se e não se arrepende. Sendo esse o preço de manter a sua amada família unida no lar, faria a mesma escolha tantas vezes quantas lha exigissem. Parece que, de hora a hora, alguém torna a perguntar-lhe o mesmo; isso começa a saturá-lo e então passa a responder: «Espera e vê.»

Que lhe estejam a perguntar essas coisas deixa-o perplexo. Não sabe mais do que os outros. Sim, está de fato e gravata, mas essa é a única diferença visível entre ele e outro qualquer. *Estamos todos no mesmo barco imundo.*

O vagão está tão cheio que eles nem se podem sentar, quanto mais estenderem-se. Dois baldes fazem as vezes de casas de banho. Quando enchem até acima, gera-se uma luta; todos querem escapar ao fedor. Os baldes são derrubados e o conteúdo espalha-se pelo chão do vagão. Lale agarra a mala, onde traz dinheiro e roupa; subornando aqui e ali, talvez consiga fugir lá do sítio para onde vão ou, no mínimo, que o ponham a fazer alguma coisa que não seja perigosa. *Talvez haja algum trabalho onde eu possa usar os meus conhecimentos de línguas.*

Sente-se com sorte; afinal, conseguiu ficar junto de uma das paredes do vagão. As frestas entre as tábuas oferecem-lhe vislumbres do campo a passar lá fora. Ocasionalmente, consegue respirar ar fresco, o que o ajuda a controlar a náusea crescente. Embora seja primavera, os dias estão chuvosos e nublados. De vez em quando, passam por um campo que, de tão florido, quase parece em chamas e Lale sorri para consigo. Flores. Logo em pequeno, a mãe ensinou-lhe que as mulheres adoram flores. Quando terá de novo oportunidade de oferecer flores a uma rapariga? Memoriza aquela paisagem, aquelas cores brilhantes como um clarão diante dos seus olhos, campos de papoilas a perder de vista, um lençol escarlate a ondular na brisa. Jura que as próximas flores que oferecer tê-las-á colhido ele. Nunca lhe ocorreu que pudessem crescer por si mesmas em tão grande quantidade. A mãe tinha algumas no jardim, mas nunca as colhia para enfeitar a casa. Na sua cabeça, começa a elaborar uma lista de tudo o que vai fazer «quando regressar a casa».

Começa nova zaragata. Desordem. Gritos. Não consegue ver o que se passa, mas sente os corpos a torcerem-se e a empurrarem-se. Depois, silêncio. E, das sombras, alguém diz:

— Mataste-o.

— O sortudo... — resmunga outro.

Não; coitado.

A minha vida vale demasiado para acabar neste lugar imundo.

Fazem muitas paragens — algumas duram minutos, outras duram horas —, sempre à entrada de uma qualquer cidade ou aldeia. As placas com os nomes das estações vão passando velozmente, mas Lale consegue ler uma ou outra: «Ostrava», uma cidade que ele sabe ficar perto da fronteira da Checoslováquia com a Polónia; ou «Pszczyna», que lhe confirma que estão de facto na Polónia. A pergunta cuja resposta ninguém tem: qual vai ser a última paragem? Lale passa quase toda a viagem perdido em recordações da sua vida em Bratislava: o trabalho, o apartamento, os amigos... e as amigas, sobretudo.

O comboio torna a parar. Está escuro como breu; as nuvens esconderam completamente a Lua e as estrelas. Será esta escuridão um prenúncio do futuro? *As coisas são o que são. São o que estou a ver, a sentir, a ouvir e a cheirar neste instante.* E tudo o que ele vê são homens iguais a si, jovens e numa viagem rumo ao desconhecido. Ouve o roncar de estômagos vazios e o arranhar de gargantas secas. Cheira-lhe a urina e a fezes e a corpos há demasiado tempo a precisarem de um banho. Todos aproveitam aquela pausa nas sacudidelas para descansarem sem terem de empurrar e de lutar por espaço. De momento, há mais do que um a dormir com a cabeça apoiada em Lale.

Aos poucos, começa a ouvir-se um estrépito vindo de alguns vagões mais atrás. Os homens lá fechados fartaram-se e vão tentar a fuga. O barulho deles a atirarem-se contra as paredes de madeira e do que parece ser um dos baldes de excrementos a bater repetidamente inflama todos quantos vêm no comboio. Daí a pouco, todos os vagões estão em alvoroço, a explodir por dentro.

— Ajuda-nos ou sai da frente! — grita um grandalhão a Lale, antes de se lançar contra a parede do vagão.

— Não gastem as vossas energias — replica ele. — Se essas paredes pudessem ser mandadas abaixo, não acham que já alguma vaca o teria feito?

Vários param de tentar e voltam-se para ele com um ar raivoso.

Digerem o comentário. Com um solavanco, o comboio retoma a marcha. Talvez os que dão as ordens tenham resolvido que o

movimento acalmará os ânimos. Nos vagões, todos se aquietam. Lale fecha os olhos.

Tinha acabado de voltar para a casa dos pais em Krompachy, na Eslováquia, depois que começara a correr que os judeus nas cidades mais pequenas estavam a ser agrupados e levados em transportes para irem trabalhar para os alemães. Lale sabia que os judeus agora estavam proibidos de trabalhar e que os seus negócios tinham sido confiscados. Durante quase quatro semanas, ajudou lá em casa — ele, o pai e o irmão a tratarem de tudo quanto fosse preciso, a fazerem camas novas para os sobrinhos pequenos de Lale, que já estavam crescidos para os berços. A irmã dele era a única da família ainda a receber um salário; trabalhava como costureira. Ia e vinha do trabalho às escondidas — saía antes do amanhecer e regressava de noite. Sendo ela a melhor, o patrão estava disposto a arriscar.

Uma noite, voltou para casa com um cartaz que tinham mandado o patrão pôr na montra do estabelecimento. Dizia que cada família judia teria de entregar um filho com idade igual ou superior a dezoito anos, para trabalhar para o governo alemão. E, então, os rumores e cochichos sobre o que andava a acontecer nas outras cidades chegaram finalmente a Krompachy. Ao que parecia, o governo eslovaco ia vergar-se mais ainda perante Hitler, ia fazer-lhe a vontade. O cartaz avisava, em letras bem grandes, que, se alguém tivesse um filho que correspondesse à descrição e não o entregasse, toda a família seria levada para um campo de concentração. Max, o irmão mais velho de Lale, disse prontamente que iria, mas Lale não quis ouvir nem mais uma palavra. Max tinha mulher e dois filhos pequenos. Precisavam dele em casa.

Apresentou-se na administração local em Krompachy, voluntariando-se para ser levado. Já fora amigo dos funcionários públicos com quem falou — tinham andado juntos na escola e as suas famílias conheciam-se. Foi-lhe dito que seguisse para Praga, que se apresentasse às autoridades competentes e que aguardasse novas indicações.

* * *

Passados dois dias, o comboio de gado faz nova paragem. Desta vez, há um enorme tumulto lá fora. Há cães a ladrar, ordens vão sendo gritadas em alemão, ouvem-se trancas a ser corridas e as portas dos vagões abrem com enorme ruído.

— Desçam do comboio, deixem as vossas coisas! — gritam os soldados. — Vá, despachem-se! Deixem tudo aí! — Junto à parede do fundo, Lale é um dos últimos a descer. Ao aproximar-se da porta, vê o corpo daquele que morreu na escaramuça. Não ignorará aquela morte; fecha momentaneamente os olhos e diz uma curta prece. Desce do vagão e o fedor vem com ele — agarrou-se-lhe às roupas, à pele, a cada fibra do seu ser. Cai de joelhos, leva as mãos ao chão de gravilha e fica assim por algum tempo. Arqueja, exausto. A sede é tanta que chega a doer. Ao pôr-se lentamente de pé, olha em volta, para as centenas de homens em sobressalto que tentam entender a cena que têm diante dos olhos. Ferozes, os cães mordem os mais lentos. Muitos tropeçam, os músculos das pernas a recusarem-se a trabalhar depois de tantos dias sem serem usados. Malas, livros atados com cordel e toda a espécie de posses modestas são arrancados das mãos dos que não os querem entregar ou que pura e simplesmente não entendem o que lhes é ordenado. Até que são agredidos com a coronha de uma espingarda ou a murro. Lale observa os soldados. Os uniformes são negros e ameaçadores. Os dois relâmpagos na gola do casaco do uniforme indicam a Lale quem eles são. Soldados das SS. Noutras circunstâncias, talvez apreciasse o corte, a qualidade do tecido e os acabamentos.

Pousa a mala. *Como farão eles para saber que esta é a minha?* Com um arrepio, percebe então que possivelmente não tornará a ver a mala ou o que lá traz dentro. Tateia junto ao coração e sente o dinheiro que escondeu no bolso do casaco. Ergue o olhar para o céu, respira o ar fresco e puro e recorda a si mesmo que, pelo menos, não está fechado.

Soa um disparo que o faz pular de susto. Parado diante dele está um soldado das SS, a arma apontada para cima.

— Mexe-te!

Lale olha para trás, para o comboio agora vazio. O vento arrasta roupa avulsa e revolve as páginas deste e daquele livro. Chegam

vários camiões, dos quais descem rapazes muito novos. Começam a recolher o que ficou por ali espalhado e atiram tudo para dentro dos camiões. Lale sente um peso no coração. *Desculpa, mãe, eles ficaram com os teus livros.*

Num andar arrastado, os recém-chegados encaminham-se para os edifícios de tijolo que se erguem lá ao fundo, todos com janelas grandes. Há árvores na entrada e estão todas em flor. Ao passar os portões de ferro, Lale ergue os olhos para as palavras moldadas em metal:

«ARBEIT MACHT FREI.»

O trabalho liberta.

Não sabe onde está, nem qual o trabalho que esperam que ele faça, mas que isso o vá libertar soa a uma piada de mau gosto.

Os soldados, as espingardas, os cães, as suas posses a serem levadas — jamais imaginou algo assim.

— Estamos onde?

Lale volta-se e vê Aron ao seu lado.

— No «fim da linha», diria eu. — Aron fica descoroçoado.

— Faz o que te mandarem e não te acontece nada. — Lale sabe que não soou particularmente convincente. Sorri de fugida a Aron, que lhe devolve o sorriso. E, em pensamento, Lale diz para consigo que também ele deve seguir o seu próprio conselho: *Faz o que te mandarem. E fica atento a tudo.*

Lá dentro, enfileiram-nos como quem lida com gado. Diante da sua fila, Lale vê um prisioneiro do campo; está sentado a uma mesa pequena e tem a cara maltratada. Veste um uniforme às listas verticais azuis e brancas, com um triângulo verde ao peito. De pé atrás dele está um soldado, de espingarda a postos.

O céu fica carregado. Ouve-se trovoadas ao longe. Todos eles aguardam.

Chega um oficial, acompanhado de uma escolta, e para diante deles. Tem o queixo quadrado, lábios finos e uns olhos encimados por grossas sobrancelhas pretas. Veste um uniforme despojado, em comparação com os que o estão a proteger. Nada de relâmpagos na gola. Pela linguagem corporal, não há dúvida de que é ele quem manda.

— Bem-vindos a Auschwitz. — É com incredulidade que Lale escuta estas palavras de uma boca que mal se move. Obrigaram-no a deixar a sua casa, foi transportado como um animal, está cercado por soldados de armas em riste e agora dão-lhe as boas-vindas. As boas-vindas! — Sou o comandante Rudolf Hoess. Sou quem manda aqui em Auschwitz. Os portões por que acabam de entrar dizem: «O trabalho liberta.» É essa a vossa primeira e única lição. Esforcem-se. Obedeçam e sairão em liberdade. Desobedeçam e haverá consequências. Agora vão fazer o registo e depois serão levados para a vossa nova casa: Auschwitz Número Dois, ou Birkenau.

O comandante perscruta todos aqueles rostos. Vai para dizer mais qualquer coisa, mas é interrompido por um estrondo de trovoadas. Olha para o céu, resmungando entredentes, faz um gesto displicente para a sua escolta e roda nos calcanhares para se retirar. Fim da *performance*. A escolta apressa-se a segui-lo. Tudo isto é um tanto atabalhoado, mas, ainda assim, resulta intimidante.

E tem início o processo de registo. Lale vê os primeiros prisioneiros serem empurrados para diante das mesas. Está demasiado afastado para ouvir as frases secas que são trocadas, apenas consegue ver os homens ali sentados e vestidos com aqueles pijamas a apontarem os detalhes e a entregarem, a cada prisioneiro, um pequeno recibo. Por fim, chega a sua vez. É-lhe pedido o nome, a morada, a ocupação e o nome dos pais. O homem de ar exausto sentado à mesa vai anotando as respostas numa letra redonda e bem desenhada e, no fim, entrega-lhe um pedaço de papel com um número. Faz tudo isto sem levantar a cabeça e sem o olhar uma única vez.

Lale lê o número: «32407.»

Num passo arrastado, vai com os outros até às mesas que se seguem, onde os espera novo grupo de prisioneiros de uniforme às riscas com o triângulo verde, com mais soldados ali de pé e a postos. A vontade de beber água é tanta que ele julga que não vai aguentar. Sequioso e exausto, é com surpresa que sente o pedaço de papel ser-lhe arrancado da mão. Um soldado despe-lhe o casaco, rasga-lhe a manga da camisa e fá-lo pousar o antebraço esquerdo na mesa. Incrédulo, Lale vê o número 32407 ser-lhe gravado na pele, dígito a dígito, pelo prisioneiro. O pedaço de madeira com

uma agulha enfiada é manejado com rapidez e magoa-o. No fim, o homem agarra num trapo embebido em tinta verde e esfrega-o na ferida sem grande cuidado.

A tatuagem foi-lhe feita em segundos, mas, para Lale, o choque é tal que o tempo parece ter parado. Segura o braço e fica a olhar o número. *Como pode alguém fazer isto a outro ser humano?* Pergunta-se se, pelo resto da sua vida, seja ela curta ou longa, será definido por aquele momento, por aquele número mal desenhado: 32407.

A coronha de uma espingarda interrompe-lhe o transe. Agarra no casaco, que está no chão, e avança meio aos tropeções, seguindo os outros até um grande edifício de tijolo com bancos corridos ao longo das paredes. Recorda-lhe o pavilhão de Educação Física da escola em Praga onde dormiu nos cinco dias que antecederam a vinda para Auschwitz.

— Dispam-se.

— Vá, depressa.

Os soldados vão gritando ordens que a maioria não entende. Lale traduz para os mais próximos e eles passam a palavra.

— Deixem as roupas num banco. Quando voltarem do duche, têm-nas aqui à espera.

Daí a nada estão todos a despir calças e camisas, casacos e sapatos; dobram todos as roupas imundas e pousam-nas nos bancos.

Lale anima-se ante a perspectiva de tomar um duche, mas sabe que provavelmente não tornará a ver as roupas, nem o dinheiro que traz ali escondido.

Lá dentro, despe-se e deixa tudo num banco, mas agora a indignação ameaça falar mais alto. Do bolso das calças, tira uma carteira de fósforos, uma recordação dos prazeres de antes, e olha de fugida para o soldado mais próximo, que está com a atenção noutra lado. Acende um fósforo. Poderá ser o seu último ato livre. Esconde o fósforo aceso no forro do casaco, que tapa com as calças, e corre a juntar-se à fila para os duches. Daí a segundos, ouve gritar nas suas costas: «Fogo!» Olha para trás e vê homens nus a empurrarem-se e a tentarem afastar-se, enquanto um soldado bate nas chamas, tentando apagá-las.